

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

JARDIM DE FALOS

Fantasia, exagero e diversão em uma poética em artes visuais

Priscila Martinelli

Porto Alegre, dezembro de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

JARDIM DE FALOS

Fantasia, exagero e diversão em uma poética em artes visuais

Priscila Martinelli

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Paula Ramos

Banca de Avaliação:

Prof. Dr. Francisco Marshall

Prof. Me. Rodrigo Núñez

Porto Alegre, dezembro de 2015.

Para Alice, que ainda não nasceu, mas que um dia, quem sabe, vai se divertir com tudo isso.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer:

- à minha orientadora, Profa. Paula Ramos, que aceitou tão gentilmente meu pedido de ajuda, auxiliando-me a concluir este trabalho da melhor maneira possível, pela sua dedicação e pelo admirável trabalho como professora.
- um agradecimento especial à minha vó, Zeli, que, no auge da sua sabedoria, aos 83 anos, dá-me várias dicas, ideias e ainda me ajuda no desenvolvimento dos falos;



Vó pintando falos.

- à minha mãe, Nize, que sempre apoiou todas as minhas ideias estranhas, sendo sempre um exemplo de força e “mulher maravilha”;
- ao meu irmão, Ríscilif, que sempre me incentivou a estudar e a ter gosto pelos livros, que me ajudou desde o vestibular até o final da graduação;
- aos gêmeos, Vando e Sandro, irmãos engenheiros, pelo apoio e as tentativas de eu ter uma visão mais realista da vida;
- às minhas cunhadas, Liana e Vivi – Vivi que sempre me “acode” no desespero;
- ao Gabriel, pelo amor e companheirismo, trabalhando comigo nos finais de semana, incentivando-me e sendo bem resolvido em relação aos meus falos;
- à minha madrinha, Lara, por estar sempre disposta a ajudar;
- às minhas amigas Elaine, que mesmo agora distante, ajudou-me muito; à Bethielle, pela amizade, pelas dicas e por ser um exemplo de dedicação à arte; à Sami, pelo lindo desenho, pela ajuda e pelas várias contribuições, mesmo tendo seu próprio TCC para fazer;
- ao Prof. Dr. Adolfo Bittencourt, pelo companheirismo durante 18 meses de elaboração deste trabalho; agradeço, também, pelas várias dicas relacionadas a técnicas de escultura;
- ao Prof. Dr. Francisco Marshall e ao Prof. Me. Rodrigo Núñez, que aceitaram o desafio de participar da banca final, desconhecendo o meu trabalho; agradeço pela confiança e pela atenção;
- aos meus seis cachorrinhos, que mesmo fazendo xixi no meu ateliê, tornam minha vida mais feliz!

A todos, meus agradecimentos!
Muito obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 TRAJETÓRIA OU PRISCILA NO DIVÃ.....	13
2 MEU JARDIM DE FALOS	20
CONCLUSÃO.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	49
LISTA DE FALOS.....	50

RESUMO

As esculturas fálicas do *Jardim de Falos*, que fazem parte de uma instalação, são um mergulho na fantasia de um mundo encantado. As obras misturam elementos e materiais contemporâneos com uma antiga temática que está presente na humanidade desde o éon. A síncope entre o mote sexual e elementos de luxúria, também remetem aos antigos cabarés. O trabalho não explora o sexo como tema principal, mas a referência de um ícone representado em todas as culturas desde sempre: o falo. O *Jardim de Falos* tem como objetivo propor um convite a adentrar em um mundo de fábulas, que beira a ingenuidade; expor a representação fálica de maneira lúdica, de um mundo imaginário. Peças multicoloridas e brilhantes, cheiros, sons, texturas e delícias para animar o paladar, fazem parte dessa instalação.

Palavras-Chave: Falo. Exagero. Fantasia. Diversão. Sentidos.

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido no âmbito do Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, consiste numa instalação, a que dei o título de *Jardim de Falos*. Isso porque ela é constituída, sumariamente, de formas fálicas, feitas em cerâmica, resina, gesso e argamassa. Entretanto, diferentemente do que pode parecer, o apelo desses artefatos não é erótico, mas lúdico.



O trabalho articula vários aspectos de minha vida e formação; ele é, de certa forma, o “jardim encantado” da minha infância, no qual eu desejava ser uma fada mágica; ele também traz os brilhos das fantasias das Drag Queens, que eu admirava na adolescência; e é excessivo, repleto de camadas, kitsch, com alusões à visualidade e à cultura contemporânea. É o “meu jardim”, no qual eu resgato, diariamente, o prazer de rir, encantar-me com as formas, brilhos; encantar-me com a vida.

O trabalho plástico é atravessado por aspectos da história, da mitologia, da filosofia e, até mesmo, da psicanálise. Enquanto eu produzo essas peças, percebo isso. Tais presenças serão comentadas ao longo do texto, mas de modo muito panorâmico, apenas para situar as referências e questões que percebo durante a feitura das esculturas e da instalação. Acompanhando a apresentação dos trabalhos, o material escrito, assim, busca pensar minhas escolhas e processos, minha trajetória; especular sobre as implicações do que estou fazendo com o que já fiz; estabelecer relações com a história da arte e com a produção contemporânea; pensar conceitos que possam ser interessantes para situar a minha poética.

No *Jardim de Falos*, encontram-se figuras típicas de um jardim: caracóis, borboletas, aranhas, lagartas, flores, até mesmo cobras. Ele também é habitado por seres inusitados, como um dinossauro e um unicórnio, porque quando se trata de fantasia, não são necessárias regras ou coerências, como nos lembra Sigmund Freud (1856–1939): “[...] a fantasia, que está ‘protegida das alterações culturais’ e mantém-se vinculada ao princípio de prazer” (Sigmund Freud apud MARCUSE, 2013, p.11). O trabalho, diga-se de passagem, é pura fantasia!!!

PRIMEIRAS INTENÇÕES: O QUE NÃO DEU CERTO

As primeiras intenções deste projeto, em meados de 2013, projetavam uma pesquisa mais profunda sobre questões do falo, relacionado à sexualidade, à psicanálise, à literatura, à filosofia, à arte, à mitologia e a estudos antropológicos do comportamento contemporâneo. Eu tinha grandes ambições e pensava em fazer um trabalho muito mais próximo de uma pesquisa sobre arte, ou seja, de um trabalho teórico. Eu tinha (tenho) curiosidade sobre o assunto; queria pesquisar, ler, associar conceitos, autores. Queria fazer uma grande investigação sobre o tema, movida por curiosidade e prazer muito genuínos. Todavia, à medida que decidi transformá-lo em um trabalho prático, as esculturas começaram a ter vida própria e, literalmente, foram surgindo em grandes proporções e tendo um significado próprio, fora do mundo real, adentrando no universo da fantasia. Infelizmente, com o envolvimento visceral nas questões práticas, acabei deixando as leituras e as pesquisas bibliográficas iniciais para trás. Sinto, porém, que resgatarei esse objetivo inicial, num futuro próximo.

SEGUNDAS INTEÇÕES: O QUE TALVEZ TENHA DADO CERTO

O *Jardim de Falos*, hoje, é um projeto mais desprezioso na teoria, talvez mais audacioso na prática, e tornou-se “verdadeiro”, pelo menos para mim, em relação a uma das suas principais referências: o deus grego Dioniso, associado aos prazeres, às festas, ao vinho, aos excessos, ao sexo. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, percebi que incorporei ou desenvolvi muito dessa energia “dionisíaca”: afinal, há exageros, um tanto de alucinação, uma certa embriaguez, muita fantasia, como já dito...

Segundo Nietzsche (1844–1900), em seu livro *A Visão Dionisíaca do Mundo*, a arte dionisíaca, “repousa no jogo da embriaguez com o arrebatamento”.

As festas de Dioniso não firmam apenas a ligação entre os homens, elas também reconciliam homem e natureza. [...] Assim, o servidor de Dioniso precisa estar embriagado e, ao mesmo tempo, ficar à espreita, atrás de si, como observador. O caráter artístico dionisíaco não se mostra na alternância de lucidez e embriaguez, mas sim em sua conjugação. (NIETZSCHE, 2005, p. 8)

As questões de sexualidade, fantasia, perversão, entre outras, têm nos mitos mais antigos suas raízes. Embora eu não vá, de forma alguma, discutir questões, estrutura e recepção dos mitos na contemporaneidade, eles estão presentes no meu imaginário e na matriz criativa do meu processo. O que quero dizer: quando crio os falos desse jardim particular, penso em personagens, situações ou interpretações advindas do universo mítico, principalmente do grego: mas são interpretações, naturalmente, muito pessoais.

E qual é a relação do Dioniso com o falo? Na Grécia antiga, o falo era cultuado nos festivais em homenagem a esse deus, chamado de Baco no mundo romano.

Nas festividades de Dioniso, ocorria a falofória, procissão em que um enorme falo era transportado pelo falóforo, sacerdote “que porta o falo”. [...] Conjectura-se que, em certo momento do culto de Dioniso, personificou-se o membro ereto, que, assim reconhecido, obteve certa autonomia em relação ao culto principal. (OLIVEIRA NETO, 2006, p. 16)

A imagem abaixo mostra um pedestal em pedra, datado do século III a.C., num antigo templo em honra a Dioniso, localizado na ilha de Delos. Acima do pedestal, é possível identificarmos o fragmento de uma escultura fálica; em relevo, no mesmo pedestal, o pássaro guarda idêntica referência.



Pedestal fálico, século III a.C.
Pedra
Ilha de Delos, Grécia

O relevo do pássaro-falo contido nesse monumento foi muito importante no desenvolvimento do meu trabalho. A questão do hibridismo – falo/animal – permeia quase todas as minhas peças.

Como sabemos, os falos na Antiguidade eram também símbolo da sorte: acreditava-se que eles atraíam prosperidade, abundância, etc. As pessoas colocavam falos nas portas das casas, nos comércios, nas zonas agrícolas e plantações, para atrair fertilidade.



Falos diversos, colocados nas fachadas das residências do antigo Império Romano

Essas imagens, para afastar maus espíritos e atrair coisas boas, são chamadas de “imagens apotropaicas”. Uma das mais incríveis, sem dúvida, é a reproduzida abaixo, localizada na cidade de Pompéia, sul da Itália, com datação aproximada do século I d.C., na qual se lê: HIC HABITAT FELICITAS, ou “Aqui mora a felicidade”. Em outubro de 2013, tive a oportunidade de viajar a Pompéia, momento em que, maravilhada, pude observar esses entalhes em pedra em várias das ruínas.



Hic habitat felicitas, século I d.C.
Pedra
Pompéia, Itália

Essas imagens exemplificam a naturalidade com que as pessoas tratavam o símbolo e de como havia um valor místico embutido. Pompéia era uma cidade com uma riqueza fálica incrível.

O falo também está relacionado a uma outra deidade grega: Príapo, cujo falo enorme era, muitas vezes, motivo de riso. Príapo está constantemente representado, como se pode observar na reprodução abaixo, de um afresco da Villa dos Vetti, em Pompéia, datada do século I d.C.



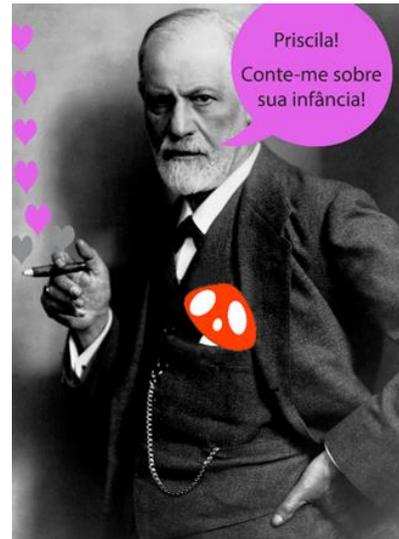
Príapo, século I d.C.
Afresco junto à Villa dos Vetti
Pompéia, Itália

Muitas pessoas, hoje, podem ficar surpresas com as imagens desse universo tão rico e livre da Antiguidade. Podem, até, ver-se “rindo” disso. Ao seu modo, *Jardim de Falos*, com suas formas híbridas, seu colorido e brilho, propõe-se a algo semelhante. Como “jardim”, quer atrair olhares, encantamento, os sentidos. Proponho uma experiência lúdica, divertida, de surpresa.

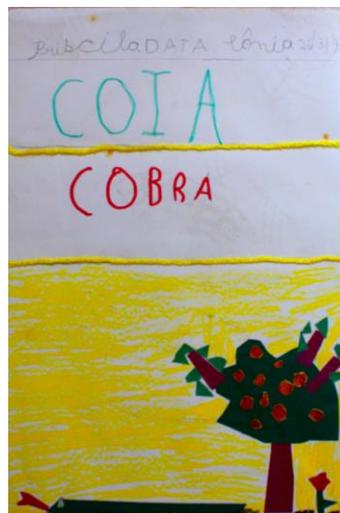
Na sua estrutura, o trabalho tem dois capítulos: no primeiro, apresento, sumariamente, a minha trajetória; no segundo, o processo de desenvolvimento deste jardim. Embora pareça exaustivo e talvez um pouco autobiográfico demais, o primeiro capítulo é fundamental, pois trago memórias e passagens que me conduziram aos elementos e formas que desenvolvo poeticamente.

TRAJETÓRIA OU...

PRISCILA NO DIVÃ



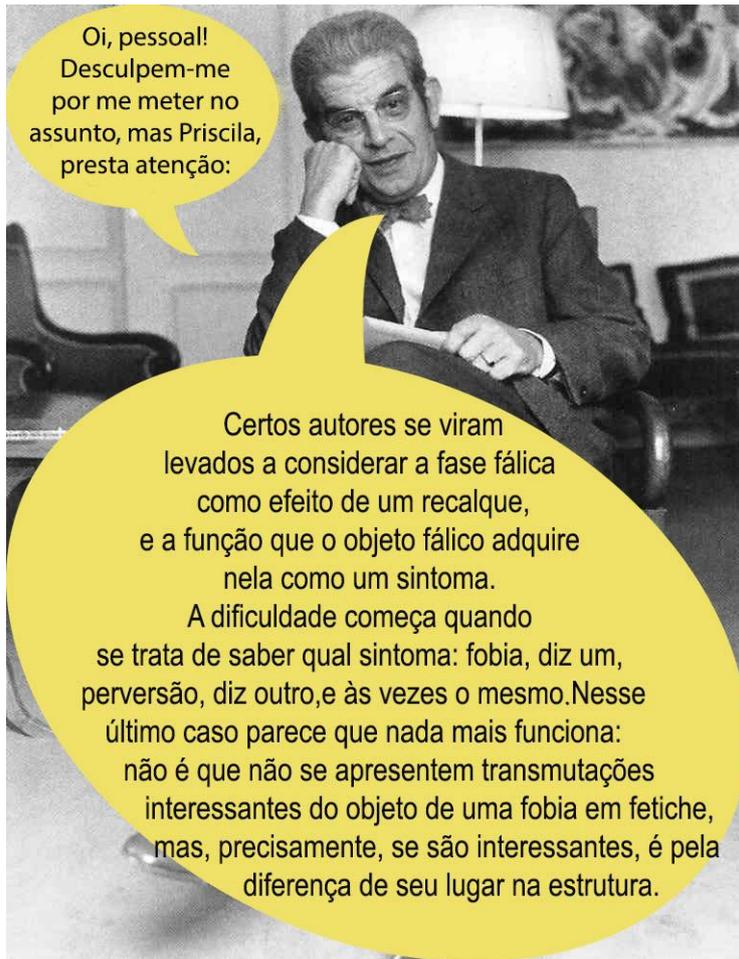
É fantástico lembrar as coisas que nos fascinaram e fascinam na infância; parece que é ainda mais intenso. Desde as primeiras palavras que aprendi a escrever até as apresentações de balé no final do ano, lembro que tudo brilhava: os papéis que recortava, as figurinhas do caderno, os lápis, as fantasias. Curiosamente, minha mãe guardou meus trabalhos do 1º e do 2º ano da escola. Lembro que ela comentava bastante que a escola insistia muito em algumas palavras, e ficava preocupada com alguma tendência obsessiva minha, pois a palavra que eu mais repetia era COBRA. Não apenas isso: quando desenhava, o que eu gostava de fazer eram desenhos de cobras.





A “inveja do pênis” é uma teoria psicanalítica freudiana que se refere à reação de uma menina, durante seu desenvolvimento psicosssexual, quando ela percebe que não possui pênis. Freud afirmava que essa fase é melhor caracterizada por “fállica”, uma vez que é o período em que a criança se dá conta de seu pênis, ou da falta de um. É, ainda, a primeira fase em que as crianças se tornam conscientes das diferenças sexuais.

Penso que, como se trata da fase de desenvolvimento, pode ser que isso faça algum sentido. Explico: sou a única filha menina e tenho três irmãos mais velhos; quando era garota, ficava pensando no porquê de eles terem mais “liberdades” que eu. Ok, Freud, mas isso está superado, só para constar!



Jacques Lacan (1901–1981)
Psicanalista francês



Respeito muito todas essas teorias psicanalíticas, prezados Freud e Lacan, mas acredito que eu seja bem resolvida nessas questões, e acredito também não possuir fobias, perversões ou neuroses. Obrigada, mesmo assim!

Freud e Lacan desenvolveram muitas teorias sobre a questão fálica; por enquanto, não me aprofundei nisso, embora tenha interesse, sobretudo porque muitas dessas teorias guardam relação com o universo mítico. O próprio Freud tinha uma coleção de amuletos e objetos fálicos, oriundos da Antiguidade.



Amuletos fálicos da coleção particular de Freud: símbolos universais da sexualidade humana.
Museu Freud, Londres, Inglaterra

Para finalizar este pequeno resumo da minha relação com a imagem fálica na infância, coloco aqui a minha primeira experiência estética em relação ao falo – que, aliás, não foi uma boa experiência; classifico-a no nível de decepção, mas foi o suficiente para despertar imensa curiosidade sobre o assunto. No ano de 1999, eu tinha 12 anos e houve um alvoroço com uma tal revista *G Magazine*, na qual o jogador de futebol Vampeta posava nu. Até hoje não entendo a empolgação que essa revista gerou. Quando vi as imagens, fiquei, confesso, muito decepcionada, pois o falo, em questão, era para mim, sem maiores atrativos.





Lantejoulas, brilhos e glitter: três coisas muito importantes na minha infância. Eu detestava o balé, mas fazia por insistência de minha mãe. A parte “gostosa” eram as apresentações de fim de ano, quando tudo era muito brilhante: fantasias, maquiagem, o cheiro de laquê. Naqueles momentos, eu sentia que meu lugar era nos bastidores, e não no palco; eu sentia prazer na construção dos ambientes, nas escolhas do camarim, no ambiente fantástico sendo preparado.

Durante a adolescência, inconscientemente, eu buscava aquela atmosfera brilhante e festiva das apresentações de final de ano: frequentava festas direcionadas ao público LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis), nas quais haviam shows e apresentações de Drag Queens. Eu me identificava e me sentia confortável nesses ambientes, satisfeita com aquelas imagens exageradas. Nesse sentido, até pelo nome, o filme *Priscilla, a rainha do deserto* (1994) foi um marco na construção da minha identidade.

No filme, duas Drag Queens e um transsexual são contratados para fazer um show em uma cidade turística no remoto deserto australiano. Eles viajam a bordo de seu ônibus, Priscilla.



Cenas do filme *Priscilla, a rainha do deserto* (1994)

Encontrei, mais tarde, o conforto dessas atmosferas de camarim, quando trabalhei como maquiadora em um cabaré conhecido de Porto Alegre. Embora o ambiente das casas noturnas seja eminentemente erótico, eu lidava com a parte lúdica da situação, com o “fantasiar-se”; na minha experiência, o camarim era um ambiente de sonho. As maquiagens, brilhantes como as usadas nas

apresentações de balé e adotadas pelas Drag Queens, transportavam-me a um ambiente divertido e festivo.

Nesse trabalho na casa noturna, eram comuns vendedores de artigos de sex shop. E eu também me interessei pelo assunto, ficando encantada, principalmente, com os produtos de decoração em formato fálico. Iniciei coleções particulares desses artigos, e surgiu a ideia de montar uma loja virtual, na qual eu pudesse vender objetos fálicos, divertidos, para decoração.

Os trabalhos que eu fazia na faculdade, sempre, independente do assunto tratado, eram compostos por brilhos; não guardo muitos deles, mas tenho o meu primeiro trabalho feito em uma disciplina de desenho em 2008, no qual a proposta era fazer um desenho sem usar materiais típicos de desenho (por exemplo, eu não poderia usar lápis, caneta, grafite etc). Então, fiz um trabalho todo com recortes e colagens: era uma caixa para um remédio que eu usava muito na época, a Ritalina, para transtorno de déficit de atenção (TDAH).



Ritalina, 2008
Papel, lantejoulas, plumas, EVA, glitter

O argumento desse trabalho era que, por ser um remédio para tratar pessoas com déficit de atenção, os materiais utilizados eram compostos de elementos

que chamavam muito a atenção, como plumas, paetês, glitters, quase um “tratamento visual”.

Algum tempo depois, em meados de 2013, registrei as seguintes imagens nos banheiros do Instituto de Artes da UFRGS. Era dia 14 de agosto de 2013.



Falo voador no banheiro do Instituto de Artes da UFRGS

Lembro que o “Caralhinho Voador”, ou “Falo Alado” foi, para mim, uma imagem muito impressionante. As asas, um mero detalhe, tornava aquele desenho banal algo lúdico, delicado e intrigante. Passado mais de um mês, nos corredores do mesmo Instituto de Artes da UFRGS, outro acontecimento, datado em 25 de setembro de 2013. Encontro a seguinte imagem.



Cartaz com falo alado

Era um cartaz, colocado no corredor, com um “Falo Alado” divulgando a “Semana Desacadêmica” (suposta Semana Acadêmica) do IA, com os seguintes dizeres:

Entre os tempos rígidos da vida acadêmica, a subordinação do pensamento às exigências curriculares de produção intelectual, os tabus e convenções sagradas da hegemonia universitária, estamos propondo uma semana de problematização do *modus operandi* desse angustiante mundinho estudantil. Para que(m) serve o teu conhecimento (e a tua arte), afinal de contas?

Após esse fato, senti-me incumbida a pesquisar qual era o “verdadeiro” significado daquela imagem pitoresca. Ainda anteriormente ao fato da “Semana Desacadêmica”, coletei mais uma imagem, essa encontrada em uma rua próxima à minha residência no município de Canoas. Isso foi em 1 de setembro de 2013 .



Falo desenhado em uma propriedade em Canoas

Começando as pesquisas sobre imagens fálicas, descobri que eram extremamente recorrentes na História Antiga: comecei por Grécia e Roma e descobri os cultos em honra a Dioniso.

Na época, segundo semestre de 2013, fazia uma disciplina teórica, na qual deveríamos desenvolver o início de uma pesquisa. Eu pensei em fazer sobre a história da representação dos falos, ao longo dos tempos, mas minha investigação ficou só no projeto. Coincidentemente, na mesma época, surgiu a oportunidade de uma viagem à Itália e, aproveitando, visitei Pompéia; foi naquele momento que as minhas percepções e interesses ficaram ainda mais fortes.



Souvenirs de Pompéia

Fascinada com aquela cidade e com aqueles objetos todos, impressionada com aqueles souvenirs estranhos, e não podendo comprar muitos, pensei: preciso fazer isso, quero muitos desses. E foi por esse impulso que comecei a criar as esculturas; o *Jardim de Falos*, de certo modo, começou a ser produzido naquele momento.

Comecei a criar os falos no começo de 2014; na época, eu ainda estava com a minha loja virtual de artigos fálicos, e surgiu uma oportunidade de participar da *Erótika Fair*, a maior feira erótica do Brasil, que acontece uma vez por ano, em São Paulo. Fui com os meus objetos decorativos da loja: chaveirinhos, velas, canetas, pelúcias; também levei algumas das minhas esculturas.

Foi bastante interessante, porque eu estava em uma enorme feira direcionada ao erotismo, embora a loja seguisse a mesma ideia lúdica do *Jardim de Falos* como instalação, por apresentar objetos divertidos, sem apelo sexual. E eu não imaginava que o público ficaria tão surpreso e confuso. Eu explicava a proposta do falo como símbolo místico e decorativo e isso parecia mais chocante para as pessoas do que o estande de vídeos pornôis ao lado. Com certeza, muitas coisas mudaram desse Pompéia.



Erótika Fair, 2014

Tempo depois, trabalhei em uma Sex Shop, e então comecei a entender melhor a reação de “susto” das pessoas na feira erótica, com a idéia de ter falos como um objeto de arte ou “artefatos normais” da casa. O público, tanto na feira erótica, quanto na Sex Shop, era de pessoas que consumiam objetos eróticos à espreita, e geralmente com vergonha; às vezes, demoravam meses para criar coragem e entrar em um ambiente com essa temática. Quando buscavam um artefato fálico, buscavam o artefato vinculado ao objeto sexual: prótese, vibrador... Na Erótika Fair, as pessoas compravam no meu estande porque levavam uma espécie de souvenir, uma lembrança divertida para algum amigo; na Sex Shop, cheguei a colocar os objetos da minha antiga loja virtual, para ver como as pessoas reagiriam, mas não houve muito público. Foi uma experiência significativa e interessante, além de divertida. E que só me estimulou, ainda mais, a desenvolver o meu *Jardim de Falos*: um conjunto de falos sem qualquer “utilidade”... a não ser provocar nossos sentidos.

MEU JARDIM DE FALOS

O jardim está presente em algumas das mais antigas histórias da humanidade, e quase sempre associado ao prazer. Basta lembrarmos, rapidamente, do Jardim do Éden, bíblico, ou dos Jardins Suspensos da Babilônia, cultivados pelo rei Nabucodonossor II. Elementos como fontes de água, flores, pássaros, cores vivas, cheiros, sons e texturas, fazem da ideia de jardim um ambiente para o deleite e, quem sabe, a luxúria.

Ao longo da História da Arte, artistas como Rubens (1577–1640), Fragonard (1732–1806) e Watteau (1684–1721) representaram essa ideia de jardim.



Jean-Honoré Fragonard (1732–1806)
O amor coroado ou O concurso musical, 1754
Óleo sobre tela, 62 x 74 cm
Coleção Wallace, Londres, Inglaterra

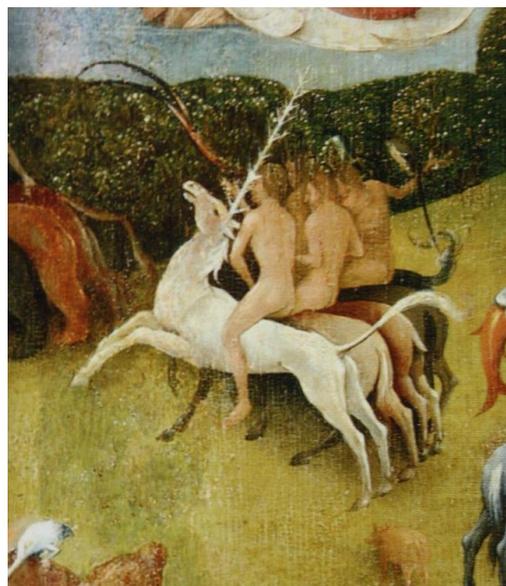
Essa imagem de Fragonard, por exemplo, desperta os sentidos: as cores quentes, as frutas apetitosas, a maravilhosa fonte de água ao fundo com putti, a leveza do gesto de dança, a vegetação farta, o clima de romance, o “som” ecoando da flauta. Observando a imagem, somos capazes de sentir praticamente tudo isso: uma verdadeira expressão de regozijo. E muitas outras obras, notadamente do Rococó, operam nessa atmosfera.

Entretanto, a obra que mais me instiga, em se tratando do tema “jardins”, é o *Jardim das Delícias*, de Hieronymus Bosch (1450–1516).

O *Jardim das Delícias* é um tríptico que traz, no primeiro volante, uma representação do Jardim do Éden; ao centro, o que seria o “jardim das delícias” em si; no segundo volante, o castigo para tanta luxúria: o inferno.



Hieronymus Bosch (1450–1516)
O jardim das delícias, 1480-1490
Óleo sobre madeira, 220 x 389 cm
Museu do Prado, Madri, Espanha



Nos detalhes do centro, Bosch celebra os prazeres da carne: pessoas alegres e desinibidas, sem sentimento de culpa, música, bebidas, comidas, diversão. No paraíso de Bosch, a fantasia e o lúdico estão presentes nas formas dos casulos, na interação dos animais e seres míticos, como o unicórnio. Essa é uma das referências mais instigantes, pra mim, de jardim, embora esse jardim, evidentemente, tenha dois lados, pois é também um jardim perverso e moralista, como muitas das obras do artista. As pessoas representadas, nuas, não percebem que, enquanto se deixam conduzir pelos prazeres dos sentidos, estão se metamorfoseando, e a metamorfose é como se fosse um castigo, que vai levá-las ao inferno. Isso me lembra o clássico *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde (1854–1900), o eterno jovem perdido em prazeres desmedidos, que acaba por deteriorar sua alma, transformando sua beleza em podridão.

No meu trabalho, também desejava a construção de um lugar que remetesse à ideia de jardim e que, fundamental, fosse divertido: um ambiente único, um mundo a parte, um refúgio mágico, para descansar a mente do peso que, às vezes, toma-nos no cotidiano. E a arte torna isso possível, seja por meio de um livro, de um filme, de uma canção... no meu caso, isso se deu “fazendo”, construindo a instalação. O formato de um jardim, na verdade, veio aos poucos, quando as peças foram ficando prontas; quando percebi, tinha vários elementos que poderiam, tranquilamente, conviver em um mesmo contexto, em um jardim.

Os primeiros falos do jardim foram feitos em gesso, juntamente com plásticos e tecidos. O gesso foi um dos primeiros materiais que aprendi a trabalhar, utilizando a técnica de forma/molde, que consiste em fazer a modelagem em argila, e, desta modelagem, tirar a forma de gesso, e novamente colocar gesso, ou outro material, tipo resina, sobre a forma.

Neste primeiro caso, eu não modelei o falo: o falo utilizado nas peças *Falo Borboleta*, *Falo Lagarta* e *Falo Golfinho*, foi uma típica prótese de Sex Shop, um clássico de 18 cm (que, por curiosidade, era um dos mais vendidos na sex shop em que trabalhei, juntamente com o de 22 cm). Essas peças fazem parte do que chamo *Coleção Dourada*, a partir do *Falo Aranha* e a *Fonte Fállica*, dessa mesma coleção, a modelagem do falo começa a ser feita por mim.



Falo-lagarta, 2014
Gesso, plástico, tecido, resina, pátina, 20 x 15 x 15 cm



Falo-golfinho, 2014
Gesso, plástico, resina, silicone, pátina, 50 x 45 x 55 cm



Falo-borboleta, 2014
Gesso, plástico, tecido, resina, silicone, pátina, 35 x 15 x 15 cm



Falo-aranha, 2014

Gesso, alumínio, tecido, isopor, durepoxi, pátina, 35 x 15 x 15 cm

Esses primeiros falos são dourados porque, no princípio, eu queria que eles fossem de bronze, como muitas esculturas romanas da Antiguidade; porém, não teria condições de fazer a fundição. A solução foi utilizar a técnica da pátina, que consiste em usar purpurina brilhante, dourada ou prateada, para dar uma aparência metalizada. As peças ganharam, assim, um aspecto vividamente kitsch. Segundo Abraham Moles (1920–1992), o kitsch surge como artifício; nesse sentido, existe um pensamento ético pejorativo, uma negação do autêntico. O que acontece com a técnica da pátina que utilizo, que imita, falsifica o bronze (MOLES, 2001),

Observando as imagens acima reproduzidas, é evidente que elas não têm caráter erótico; elas não suscitam qualquer desejo sexual; são lúdicas. O *Falo Borboleta*, por exemplo, apresenta um par de asas. Novamente remetendo à Antiguidade, conhecemos peças com elementos semelhantes, como os tintinábulos, campainhas colocadas junto aos jardins e nas entradas das casas, para atrair bons fluídos. O objeto reproduzido abaixo, se percebemos bem, não apenas é um falo triplo (o “rabo” também é um falo), como tem asas.



Tintinábulo romano em bronze, século I d.C.

Os materiais, em meu trabalho, são os mais diversos. No caso do *Falo Aranha*, por exemplo, usei gesso; o corpo é feito com durepox e bolinhas de isopor engomadas, enquanto as pernas são de alumínio; essas pernas são sucatas da metalúrgica da minha família, são hastes de bombas de bico de gasolina, e as aranhas são de brinquedo.



O *Falo-aranha* e os demais (*Lagarta*, *Golfinho*, *Borboleta*...) têm em comum pequenas partes de brinquedos acoplados, que foram adquiridos em lojas de 1,99; esses são geralmente de plástico: bracinhos de bonecas, asas de borboletas de ímãs de geladeiras, peixinhos de banheira, aranhas de Halloween.



A *Fonte Fállica* foi a última peça feita em 2014, da coleção das pátinas metalizadas. A peça efetivamente funciona como uma “fonte”; ao projetá-la e construí-la, pensei no poder “fertilizante” e energético da água, como do falo em si.



Fonte Fállica, 2014
Resina, vidro, espelhos, 80 x 60 x 60cm

O processo de forma foi o mesmo das outras peças: eu modelei o falo em argila para fazer a forma de gesso, mas dessa vez foi utilizada a resina, por ser um material impermeável para resistir à água da fonte, e depois foi feita a pátina prata.



Nos trabalhos seguintes, senti a necessidade de criar peças com cores mais intensas e materiais mais brilhantes, num clima ainda mais fantástico. E então veio o *Falo-unicórnio*. Walter Schurian (1938), falando sobre o fantástico, diz-nos:

O Fantástico contribui para o entendimento e interpretação da alma humana; no processo, tem sempre demonstrado – e ocasionalmente sucumbido – a manifestações extremas. Correu o risco de se tornar cissíparo, singular, grotesco, estranho, rebuscado, ou até superficial e kitsch. [...] O fantástico, com sua ênfase particular, o seu desenfreado excesso e as suas extravagâncias, reflete as inúmeras facetas da percepção diferencial da realidade. Falando de uma forma mais poética, o fantástico, em todas as suas manifestações, dá à arte asas coloridas. (SCHURIAN,2005)



Falo-unicórnio, 2014
Gesso, cerâmica, polietileno, 50 x 15 x 45cm

Segundo a mitologia:

O lendário unicórnio era um lindo cavaliño branco, com uma barba de bode e um único chifre no meio da cabeça. Com esse chifre, purificava as águas envenenadas por uma serpente, de modo que os animais pudessem bebê-las. O unicórnio era forte e extremamente rápido, mas podia ser apanhado por uma virgem, cuja pureza percebia e em cujo colo vinha descansar. (GOMM, 2014, p. 20)

Os unicórnios estão presentes em inúmeras obras de arte. Quando se pensa em um reino encantado e fantástico, difícil não lembrá-los, inclusive nos relatos de viagem de Marco Polo (1254–1324).

Num primeiro momento, porém, eu queria, mesmo, fazer um *Falo-pégasus*. O desenho reproduzido abaixo o revela.



Desenho para modelo do *Falo-pégasus*: um híbrido com asas de dragão
Ao lado, a peça desenvolvida pela colega, da qual surgiu a forma do chifre para o unicórnio

O pégasus, porém, não vingou, e a ideia de unicórnio veio quando, em uma aula de cerâmica, fizemos peças que lembravam espécies de conchas, ouriços e corais do mar. Aí, uma colega, Samira Micheli, fez um trabalho cujas partes me lembravam um chifre. E pensei: “Vou pedir uma dessas partes para o meu unicórnio”.





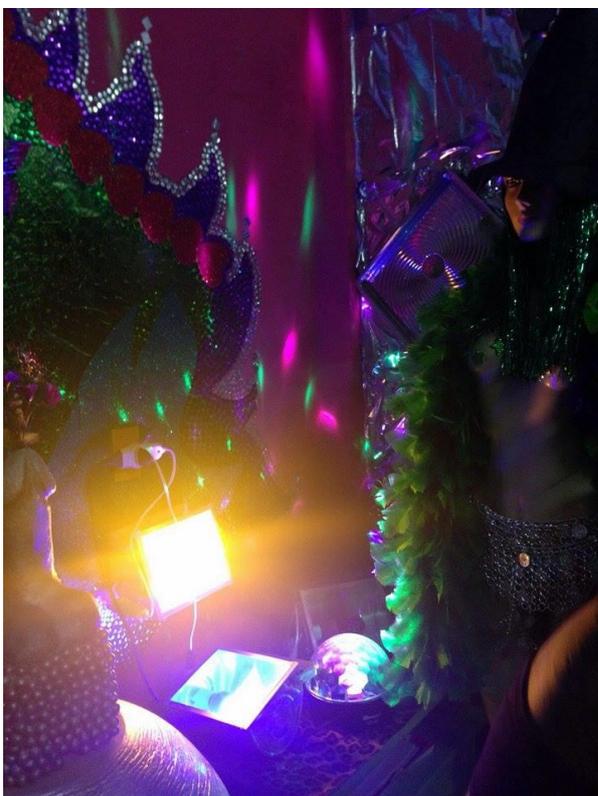
Uma artista contemporânea que conheci e com a qual me identifiquei muito nesse momento do meu trabalho foi *Teti Waldraff* (1959). Além dela trabalhar com o tema “Jardim”, que a remete, em especial, a inúmeras lembranças felizes, Teti também utiliza brinquedos, materiais diversos e, sobretudo, brilhantes. Frequentemente, cria “animais insólitos”, híbridos.



Teti Waldraff
Jardim elefante, 2010
Elefante de gesso, lantejoulas, plástico, cola, tecido, skate
Coleção particular, Alemanha

Desenvolvendo a ideia do “jardim”, percebi que necessitava de novos “híbridos”. Então, surgiram os *Falos-cogumelos* e os *Falos-caracóis*. Nessa etapa, incluí novos materiais, como a cerâmica e o papel machê. Também extravasei os limites do jardim, criando figuras de outras épocas e incomuns, como o *Falo-dinossauro*; e inanimados, como a *Poltrona fálica* e o *Jogo de xadrez Fálico*. Meu ateliê, aos poucos, transformou-se em um grande jardim. Aliás, o universo de formas, brilhos, luzes, tecidos, plumas, elementos recolhidos em viagens, em sex-shops, em lojas

diversas... percebi que tudo isso completava o “meu jardim de falos”; na verdade, percebi que o meu ateliê é a própria instalação.



Da mesma forma, no meu dia-dia, acessórios fálicos são normais: desde a escova de cabelos, passando pela rolha da garrafa de vinho, marcador de livro, souvenirs de viagens, enfeites do quarto, do ateliê, e em inúmeras outras coisas do cotidiano. Esses objetos podem ser considerados meus “documento de trabalho”.



Sobre os documentos de trabalho, Flávio Gonçalves (1966) explica que:

A origem do termo “documento de trabalho”, tal como utilizado aqui, encontra-se num catálogo sobre a obra do artista inglês Francis Bacon, onde o termo era utilizado para definir o conjunto de fotos e ilustrações arrancadas de livros ou revistas as quais o pintor se servia para fazer suas pinturas. A forma como Bacon se relacionava com esse material é bastante significativa, sobretudo quando lemos seus relatos ou vemos as fotos de seu ateliê, onde o caos formado pelo depósito de referências, tintas e materiais diversos eram parte ativa de seu processo de criação. (GONÇALVES, 2009, p. 01)

A partir disso, penso que toda a minha coleção de falos, que trago comigo desde a minha descoberta nesse universo dos brinquedos de sex shop, são materiais naturalmente ativos e influentes no meu processo de criação.

Acerca dos artistas com os quais, de alguma forma, dialogo, penso, em um primeiro momento, em Francisco Brennand (1927). Em Brennand, natureza, sexo e mitologia são temas recorrentes em suas obras, caracterizados por figuras fálicas e por aves. Brennand possui um museu a céu aberto, localizado em Recife/Brasil. A Oficina

Brennand constitui-se num conjunto arquitetônico monumental de grande originalidade, no qual a obra se associa à arquitetura para dar forma a um universo abissal, dionisíaco, subterrâneo, obscuro, sexual e religioso.



Templo Brennand, Recife

Outro artista referencial é Jean Pierre Maury (1948), cuja obra tem não apenas o falo como forma básica, mas o falo em situações divertidas. Jean Pierre Maury tem objetos incomuns, que lidam com erotismo e surrealismo. Curiosamente, ele dirigiu, por um longo tempo, o famoso cabaré “Le Port du Salut”, em Paris.



Durante a pesquisa, também fui apresentada aos trabalhos de vários artistas contemporâneos que utilizam a figura fálica, por exemplo, a artista carioca Márcia X (1959–2005); porém, a diferença é que o trabalho da Márcia X é recheado de fortes críticas às convenções sociais e aos códigos morais, ao contrário do *Jardim de Falos*, que visa ser mais leve, hedonista, divertido. Em meio à crítica, há um certo divertimento nos seus trabalhos, como nas peças da Série *Fábrica Fallus* (2004).



Uma das obras mais polêmicas e iconoclastas da Márcia X foi a performance/instalação *Desenhando com o Terço* (2000–2003), em que ela desenha falos com terços.



Em abril de 2006, a obra *Desenhando com terços* foi retirada da mostra *Erotica – Os sentidos na arte*, exibida no Centro Cultural do Banco do Brasil do Rio de Janeiro. A decisão foi tomada pelo conselho diretor da instituição, após manifestações de católicos. Dispondo quatro terços unidos em duplas, formando dois pênis entrecruzados, a obra foi considerada ofensiva por misturar religião e erotismo

A artista japonesa Yayoi Kusama é considerada uma das maiores artistas pop naquele país; aos 86 anos, continua fazendo sua arte. Na década de 1960, Yayoi produziu muitas instalações com referências ao falo. Essas obras estavam expostas

no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, em 2014, na exposição *Obsessão Infinita*. Na imagem abaixo, a artista aparece posando junto à instalação *Campo de falos* (1963), uma das obras apresentadas no Brasil.



Yayoi Kusama, embora faça muitos falos, não tem muito a ver com a intenção do meu trabalho, porque a artista expressa em suas obras complexos e medos, como ela mesma diz:

Artistas não costumam expressar seus próprios complexos psicológicos diretamente, mas eu adoto meus complexos e medos como temas. [...] Fico aterrorizada só ao pensar que algo longo e feio como um falo me penetre, e é por este motivo que construo tantos falos. [...] Eu construo muitos e muitos deles então continuo construindo, até que me enterro no processo. A isto dou o nome de “obliteração”. (Yayoi Kusama, no catálogo para a exposição *Obsessão infinita*, editado pelo Instituto Tomie Ohtake, em São Pulo, 2014)

Na natureza, encontramos inúmeros exemplos de semelhanças com a forma fálica, como, por exemplo, essas flores do jardim da minha vó.



É ela, Dona Zeli, quem muitas vezes me surpreende com formas construídas a partir de legumes: ela pega tomates, abóboras e, quando vejo, cria formas fálicas. E diz que é pra mim...



E, no reino animal, difícil não fazer referência à serpente:



Mas os cogumelos conseguem ser campeões na semelhança:



Aqui são exemplos de esculturas em pedra da Civilização Maia, são esculturas ambíguas de “deuses cogumelos fálicos”.



Cogumelo de pedra Maya de El Savador, período formativo, 300 a.C. – 200 d.C.
Pedra, cerca de 30 cm de altura

Os cogumelos foram referências totalmente necessárias para constituir o *Jardim de Falos*, por ser um elemento comum em jardins e muito parecido com um falo humano. A partir daqui, comecei a me preocupar mais com a questão da resistência das peças, principalmente por elas serem um pouco maiores que as primeiras, feitas de gesso. A resina seria uma boa opção, por ser um material bem mais resistente que o gesso, e já havia utilizado na *Fonte Fálica*; porém, eu precisaria passar pelo processo de formas/moldes, e eu não queria mais, pois demanda muito tempo; queria algo mais rápido, porém, duradouro. Então, comecei a utilizar cimento e argamassa. Como a argamassa/cimento é um material que, puro, pesa muito, utilizei a técnica de papelagem, que consiste em modelar a forma desejada em papel, envolvida em fita crepe e, após a modelagem pronta, passa-se a argamassa, tornando a peça resistente e leve. Por serem peças maiores, tornou-se necessário fazer também uma estrutura interna, como um esqueleto; então, utilizei canos de pvc para montá-las. A partir desses trabalhos, comecei a carregar mais nas cores e nos brilhos, e o tempo que economizei não precisando mais fabricar as formas/moldes, compensei colando lantejoulas por lantejoulas.



Falo-cogumelo-vaso, 2015

Cano de PVC, jornal, cimento, cola, vidro, resina, lantejola, glitter, 40 x 20 x 15 cm

A referência dessa peça se baseia em uma das espécies mais conhecidas de cogumelos, o *Amanita muscária*, muito conhecido pelas suas propriedades psicoativas alucinógenas em humanos, e também o mais usado em ilustrações e desenhos animados. As partes brancas do *Falo-cogumelo-vaso* são todas feitas de lantejoulas, a vermelha de glitter. A parte verde é um vaso de vidro com mini falos de resina, feitos em forminhas prontas para fazer chocolates em formato de falo.



Falo-cogumelo-joaninha-árvore, 2015
Cano de PVC, jornal, cimento, cola, espuma de poliuretano,
plástico, resina, lantejoulas, glitter, 60 x 40 x 25 cm

Esse *Falo-cogumelo-joaninha-árvore* é uma referência às joaninhas (*Cycloneda sanguínea*), que são insetos que apresentam corpo quase redondo, coloração geral vermelha clara, com a cabeça e o tórax pretos, muito conhecidas nas Américas. As pintas pretas lembram as bolinhas brancas do cogumelo *Amanita muscária*. Nesse esqueleto, acrescentei, como teste, uma espuma de poliuretano, que deu aparência de raízes, lembrando uma árvore, por isso o tronco do *Cogumelo-joaninha* foi coberto de verde, e se torna o *Falo-cogumelo-joaninha-árvore*. Essa peça também é feita de papelagem, e as partes vermelhas, verdes e marrons são cobertas de glitter, e os pretos são de lantejoulas.

O *Falo-dinossauro* é um bom exemplo do caos que é meu processo. O “dinossauro”, na realidade, era para ser a segunda tentativa do Pégasus (anteriormente, o *Falo-unicórnio*). Eu achava que, se eu desenhasse antes um projeto de escultura, isso me ajudaria, mas as imagens da intenção x acontecimento provam que não foi bem assim:



Falo-dinossauro, 2015

Ferro, papel, cola, cimento, garrafa pet, lantejoulas, glitter, tecido 180x 80 x 200cm

As medidas que fiz para a estrutura de ferro foram equivocadas; quando a estrutura ficou pronta, percebi que dali não sairia um cavalo, embora houvesse um resquício de esperança de conseguir que parecesse um. Essa estrutura ficou aproximadamente um ano esperando para ser mexida, e, quando comecei, percebi que lembrava a imagem que tenho de um dinossauro.

Esse foi o primeiro trabalho grande; o material tinha que ser bem pensado, para ser possível locomovê-lo: a estrutura é de ferro, para não correr o risco de se desmanchar pelo caminho; o miolo é de papel (jornal e papel/resíduos de escritório), para se tornar mais leve, e, por fora, algumas camadas de argamassa, pois achei que seria um material de vida longa e resistente. Ele possui rodinhas nas patas para ajudar na locomoção, que deu aparência divertida de possuir patins.



Processo Falo-dinossauro

No *Falo-dinossauro*, usei aproximadamente 13.000 lantejoulas, mais paetês e pedrarias, que foram coladas uma por uma. Pensei em muitas possibilidades para facilitar esse processo, mas nada se compara ao efeito desse tipo de colagem: foram meses para conseguir terminá-lo e, mesmo sendo exaustivo, foi muito divertido e gratificante.



Processo de colagem de lantejola

Na cauda, foi utilizada uma estrutura de garrafas pets; os espinhos foram costurados, feitos de tecido e preenchidos com espuma, pois a proposta da cauda

era ser leve. O corpo da cauda é revestido de plumas verdes, e os espinhos cobertos de lantejoulas, como o resto do corpo do *Falo-dinossauro*.



Processo da cauda do *Falo-dinossauro*

No segundo semestre de 2015, fiz uma disciplina de cerâmica e comecei a produzir alguns trabalhos, como o *Falo-caracol*, o *Jogo de xadrez fálico*, um *Falo-alado*, além de mini vasilhos. A cerâmica é material natural, orgânico; encontrei, no barro, um material muito significativo para o desenvolvimento desses trabalhos, pois há uma relação íntima com a natureza: falo e terra.



Processo da cerâmica



Falo-caracol, 2015
Cerâmica e purpurina 10 x 8 x 15cm



Falo-alado, 2015
Cerâmica e purpurina 10 x 15 x 8 cm



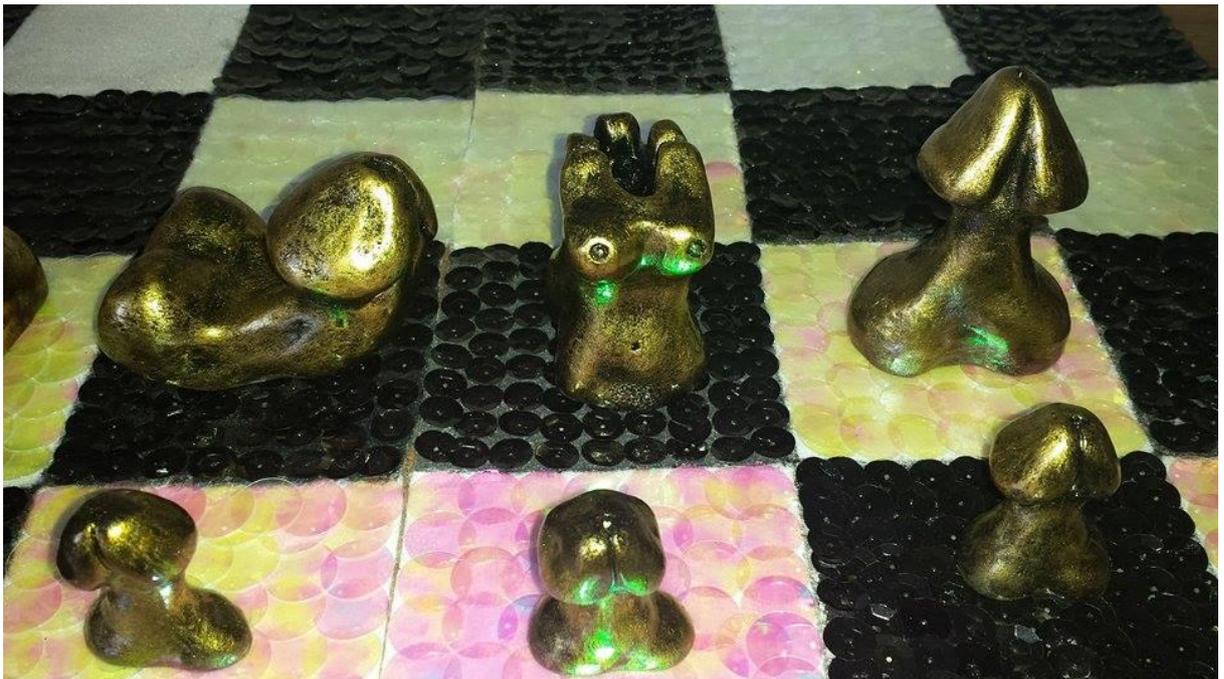
Mini vaso-fálico, 2015
Cerâmica e purpurina, 7 x 5 x 5 cm



Vaso-fálico, 2015
Cerâmica e purpurina 8 x 6 x 7 cm



Falo-plumas, 2015
Cerâmica e purpurina 13 x 12 x 10 cm



Jogo de xadrez fálico e vulvas, 2015
Cerâmica e purpurina, tamanhos variados
Versão do tabuleiro em construção



O *Jogo-xadrez fálico* é o único trabalho, até agora, no qual inseri elementos associados ao feminino. Pensei que o trabalho exigia essa presença, para expressar o poder da rainha, e da própria mulher. Ora, no jogo de xadrez, a rainha é a peça mais poderosa, em termos de possibilidades de jogo, e achei pertinente mantê-la com uma configuração que lembrasse, imediatamente, o gênero feminino.





Poltrona-fálica, 2015
Papel, cola, argamassa, plumas paetês, tecidos,
165 x 100 x 80cm
[ainda em processo]

A *Poltrona-fálica* é uma peça interativa. Como o nome sugere, é uma poltrona, portanto, pode-se sentar nela. O assento é revestido com um tecido apeluçado; ela representa, assim, mais um dos sentidos explorados pelo *Jardim de falos*: o tátil. Na imagem reproduzida acima, ela aparece em processo. Em tons de rosa, com aplicação de plumas, paetês e tecidos macios, a poltrona é visualmente carregada, excessiva, como que saída de uma cena da *Fantástica fábrica de chocolates*. Ampliando as possibilidades dessa série, nesse “jardim”, pode-se encontrar – por que não? – “conforto” ao se sentar sobre a peça.



Processo da *Poltrona-fálica*

CONCLUSÃO

Foram oito anos vinculados ao Bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes – em dois deles, pedi afastamento por crises existenciais, e agradeço todos os dias pela oportunidade que tive de me “reestabelecer” psicologicamente através da arte. Há um filósofo francês contemporâneo, Alain de Botton (1969), que expressa questões humanas de uma forma muito leve e divertida, e que, nessa passagem de seu livro *Arte como terapia*, diz muito do que representa esse trabalho pra mim:

Um instrumento é uma extensão do corpo que permite realizar um desejo e é necessário por causa de algum impedimento de nossa constituição física. Uma faca é uma resposta à nossa necessidade e incapacidade de cortar. Uma garrafa é uma resposta à necessidade e incapacidade de carregar água. Para definir a finalidade da arte, é preciso perguntar o que deveríamos fazer com nossa mente e nossas emoções, mas não conseguimos fazer muito bem. Em quais fragilidades psicológicas a arte pode ajudar? (BOTTON, 2013)

Desde criança, ficava fascinada com a capacidade das pessoas de criarem mundos à parte, toda aquela fantasia: de fadas, sereias, aranhas que colecionavam, sapatos, até um “maluco” que lutava contra moinhos de ventos... Ferreira Gullart (1930), poeta e crítico de arte brasileiro, comentou várias vezes, em entrevistas, que “ a arte existe porque a vida não basta”. A fantasia é algo que sempre me fascinou, e os mitos, também, são muito carregados disso: eles nos dão a oportunidade de, de certo modo, fugir da realidade que tantas vezes nos perturba, transformando-nos. Mesmo não sabendo, sempre busquei isso, o fantástico, e revendo minha trajetória e anos do curso de arte, era exatamente essa fuga e desejo de satisfação que eu buscava nos elementos brilhosos, exagerados e mágicos, em todos os trabalhos. Considero o *Jardim de falos* o começo dessa incansável busca, de tornar o mundo, se não melhor, mais prazeroso e divertido, pelo menos o “meu mundo”.

Como já apontei em outras passagens, tudo começou com a intenção de uma pesquisa planejada e aprofundada sobre a representação dos falos ao longo da

história. Porém, o desejo de transformar esse projeto em algo físico transcendeu essas primeiras expectativas e se transformou no que é hoje o Jardim de falos.

Na sua característica divertida, lúdica e exagerada, esse trabalho atende a uma parcela das minhas motivações. Posso dizer que “me joguei” na realização dessas peças, e também me diverti muito – algo que, para mim, é fundamental. Importante dizer, sobre isso, que o exagero também exige desprendimento, pois a sensação de que nunca está pronto, de que o trabalho não possui “elementos suficientes”, “brilho suficiente”, está sempre presente. E isso é angustiante, pois estou sempre procurando “enfeitar” mais, “carregar” mais, ir até o limite do limite.

Tendo contemplado a expectativa do trabalho prático, sinto a necessidade de uma investigação teórica, algo que não consegui fazer. Percebo que meu desafio é, justamente, realizar esse percurso teórico, mas sem perder a energia, tampouco o que é da minha característica, os excessos e o elemento divertido.

O presente texto antecede a finalização, em si, da série – pelo menos para o momento da defesa. Nesse meio tempo, o Jardim de falos ainda está em processo: a Poltrona fálica está sendo finalizada, bem como uma cobra. Toda essa história começou com os desenhos de cobras, e me sinto incumbida de terminar com elas. Portanto, elas vêm...

BIBLIOGRAFIA

BARLETT, Sarah. *A bíblia da mitologia*. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.

BOTTON, Alain; ARMSTRONG, John. *Arte como terapia*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

ECO, Umberto. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

ECO, Umberto. *A Vertigem das Listas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

EURÍPIDES. *As Bacantes*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010

GOMM, Sarah Carr. *Dicionários de símbolos na arte*. EDUSC, 2004.

GONÇALVES, Flávio. Uma visão sobre os documentos de trabalho. In: *Panorama crítico*, Porto Alegre, vol. 02. Acessível em: www.panoramacritico.com

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

MONTAIGNE. *Ensaio*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Visão Dionisíaca do Mundo*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

OLIVA NETO, João Angelo. *Falo no Jardim*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

OVÍDIO. *Amores e Arte de amar*. São Paulo: Editora Pinguim, 2006.

PIETROFONTE, Antonio Vicente. *Semiótica Visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

PLATÃO. *Fedo ou alma*. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.

REY, Sandra. *Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais*. Porto Arte, Porto Alegre, V.7, nº 13, 1996.

SCHURIAN, Walter. *Arte fantástica*. São Paulo: Editora Taschen, 2005.

LISTA DE FALOS

- Falo Aranha
- Falo Alado
- Falo Borboleta
- Falo Cobra
- Falo Caracol
- Falo Cogumelo
- Falo Dinossauro
- Falo Fonte
- Falo Golfinho
- Falo Lagarta
- Falo Poltrona
- Falo Unicórnio
- Falo Vaso
- Falo Xadrez
- Falo Vagalume

Obrigada!



Ilustração: Samira Micheli